

Proposta de Mesa
Traduzir para ensinar: aspectos e propósitos educativos da tradução
como obra intelectual, acadêmica e humanista

Proponente: Comissão de Trabalho em Patrística da Red Lafm

Fundamentos e objetivos

Agostinho começa o diálogo do *Mestre* perguntando:

“Que coisa te parece que queremos obter quando falamos? Ou ensinar, ou aprender.... Vês, portanto, que com a fala não desejamos outra coisa senão ensinar.... Não te parece, pois, que a fala foi instituída para ensinar ou para recordar?”

Se tomarmos o texto de Agostinho num sentido amplo, em que falar abrange também o ato de traduzir, percebemos que ao trasladarmos a fala de um indivíduo para um outro modo de falar não estamos pretendendo nada além de ensinar. Mais adiante no diálogo Agostinho desenvolve uma breve teoria de semiótica, em que discute a substituição de signos por outros e pelas coisas representadas; também aqui podemos pensar na tradução, que é um discurso duplo: ao texto original sobrepõe-se a tradução, e o objetivo da tradução perfeita é que esses textos sejam intercambiáveis. Mas isso não é possível totalmente, e o que pretendemos ao estudar as traduções medievais é apenas verificar como, em alguns casos, os tradutores encaram os problemas: a tradução perfeita é a literal, ou é a adaptada? Apresentamos as ideias de uns e outros tendo em mente que todo tradutor é, em última análise, um professor.

Títulos e resumos

Silvia Contaldo: “O Livro das Cintilações, do Defensor de Ligugé”

silviacontaldo@hotmail.com

Instituições: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Brasil

Resumo. O *Livro das Cintilações* de Defensor de Ligugé ou das possibilidades de ensinar em tempos obscuros

“Traduz para mim, professor!”. Esse é um pedido recorrente de alunos, estudantes ou qualquer pessoa interessada em determinado assunto, mas que não tem o respectivo conhecimento para compreender de imediato o que está posto. Precisam de uma explicação, por meio de exemplos, metáforas, comparações para o que não lhes parece suficientemente claro. Pode ser a tradução – em seu significado primeiro – como trazem os dicionários, de passar de uma língua para outra mas pode ser também um pedido de esclarecimento – em linguagem mais simples – de um assunto mais complexo, um trecho de obra, uma equação. Em outras palavras, traduzir para ensinar, tal como tema dessa mesa enseja. Nessa perspectiva, pretende-se apresentar o projeto pedagógico inscrito no *Livro das Cintilações* do monge beneditino, Defensor de Ligugé, de quem pouco se sabe. No entanto, sua obra é exemplo de como é possível ensinar em tempos obscuros. A obra em questão, que parece ter sido escrita entre 636 e 750, é uma coleção riquíssima de ditos e ensinamentos dos autores da Patrística e dos textos da Sagrada Escritura. São ao todo 2494 sentenças, divididas em 81 capítulos. Como se sabe, por aqueles tempos, a situação sociocultural não era promissora. Tempos obscuros e, por parte dos novos ocupantes do que fora o Império Romano, pouca atenção ao patrimônio cultural, certo desprezo pelo passado e nenhum projeto pedagógico no sentido de uma *paideia*. Naquele contexto de muitas adversidades – em todos os âmbitos da vida - esse monge encontrou espaço para colher e recolher ensinamentos preciosos, válidos para qualquer um, fosse bárbaro, romano, grego pois, ao fim e ao cabo, todos deveríamos aprender a viver com mais sabedoria e menos tolices, tais como preconceitos, egoísmos, individualismos etc. Afinal, já dissera Sócrates, ‘uma vida sem exames não é digna de ser vivida’. Essa parece ser a pretensão do *Livro das Cintilações* que nos propusemos a apresentar.

Demonstrar que, ainda que em condições adversas e mesmo que em pequenas doses ou *centelhas*, a educação é possível. E por aí explica-se também a ambiguidade proposital do presente texto: traduzir para ensinar, vale dizer, traduzir o texto para traduzir o contexto e, quem sabe, para aprender a ler o próprio tempo. Afinal, já se disse, um incêndio começa pequeno – por fagulhas ou centelhas e, também por isso, a Patrística, em seus inúmeros desdobramentos, foi terreno fértil para uma *paideia* cristã.

*

Julían Barenstein: “Nec verbum verbo curabi reddere fidus interpres: sutilezas de la traducción en San Jerónimo y Leonerdo Bruni”

julian.barenstein@usal.edu.ar

Instituições: Universidad de Buenos Aires, Universidad de San Martín Universidad, del Salvador

Resumen. Nos proponemos abordar aquí la célebre carta de Jerónimo de Estridón (340-420) a su correligionario Panmaquio, la cual lleva por título “*de optimo genere interpretandi*” (396) y el breve tratado *De interpretatione recta* (1417), de Leonardo Bruni (1369-1444). Nuestro objetivo es dar cuenta de las diferencias y concordancias de las teorías de la traducción allí expuestas. Así pues, nuestro trabajo está estructurado en tres secciones. En la primera nos detenemos en la epístola del santo traductor para, después de analizar su contenido y estructura, dar cuenta de las características de una traducción “óptima”, de acuerdo con el autor. En la segunda, paralela a la anterior, analizaremos el tratado de Bruni con idéntico objetivo. Finalmente, en la tercera sección, sopesamos las diferencias y concordancias de los autores estudiados acerca de los que se espera de una buena traducción.

*

João Lupi: “A polêmica de Jerônimo contra Rufino por causa das traduções das obras de Orígenes!”

lupi@cfh.ufsc.br

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo. Orígenes (c. 185-254) alexandrino, foi o autor de uma das obras mais vastas e completas de sistematização das doutrinas cristãs. Uma obra dessa magnitude não teve similar na história da Teologia cristã, mas não deixou de oferecer seus perigos: numa época em que não tinha ainda havido Concílios, e com tantas questões abordadas, a tentativa de Orígenes de solucionar todas elas era de uma ousadia temerária. Ainda em vida dele os dois campos começaram a ficar definidos: o dos contrários, que criticavam certos pontos teológicos, mesmo sem reparar se eram do autor ou dos discípulos, e atacavam com a dureza própria de quem já era senhor da verdade; e o dos defensores, que interpretavam as doutrinas em sentidos mais palatáveis para as novas mentalidades, e, em muitos casos, traduzindo as obras do mestre para outros idiomas, e, na tradução, minimizando alguns pontos mais susceptíveis de crítica. Jerônimo (c.347-419) dálmata, que foi secretário do Papa Dâmaso, traduziu a Bíblia para o latim (Vulgata), e, depois de traduzir o *Tratado dos Princípios* de Orígenes, alinhou com os críticos mais implacáveis do alexandrino. Do lado favorável estavam muitos Santos Padres que viram na obra de Orígenes um imenso apoio doutrinário; muitos deles se dispuseram a traduzir ou a reproduzir Orígenes para o latim. Os tradutores tinham a intenção de colocar à disposição do público ocidental, que já lia pouco o grego, uma obra que estava na linha de frente do desenvolvimento espiritual dos cristãos, e que tinha arsenal suficiente para combater as heresias que disputavam o cristianismo. Mas, nesse cenário novo e complicado o feroz combatente que foi Jerônimo não tinha as mesmas atitudes de seu amigo Rufino de Aquiléia (345-410). Ambos tinham paixão por Teologia, e pela exposição e defesa do cristianismo. Durante algum tempo foram amigos e colaboradores, mas as atitudes com relação ao ensino teológico, quer por escritos e tratados, ou por cartas, e oralmente, divergiram. Enquanto Jerônimo via em pontos discutíveis de Orígenes “pedras de escândalo” e os aumentava para alertar os cristãos mais novos, ou mais despreparados, Rufino via em Orígenes e suas obras o mestre estimulante, capaz de levantar entusiasmo e despertar novas vocações – e tirava do caminho o que podia prejudicá-lo. Então Jerônimo, com sua peculiar rispidez e autoritarismo

criticou rudemente as traduções de Rufino, ao que este respondeu elogiando Jerônimo de forma sarcástica. Foi aí que a polêmica começou sem que, até hoje, os historiadores das ideias cristãs, e particularmente do origenismo, consigam destrinchar quem é que exagerou mais: se Rufino, ao brunir e aliviar algumas ideias de Orígenes de suas arestas mais perigosas, se Jerônimo ao acentuá-las para prevenir os leitores incautos. Não pretendemos esgotar as possibilidades de análise e descrição de todo o manancial de informações representado por cartas, opúsculos, apologias, mas vamos tentar esclarecer algumas questões mais debatidas em Orígenes. Em conclusão: deve-se traduzir obras “perigosas”? Mas qual é o maior “perigo” para o cristão: ficar na ignorância, ou arriscar-se ao erro? Afinal a quem se destinam as traduções: aos fracos de espírito, como dizia Orígenes, e a quem São Paulo destinava comida espiritual leve, ou aos que são ousados e querem progredir, mesmo que enfrentem críticas e condenações?